

Seleção Por Tema: Trabalho–Cidadania–Direitos Humanos– Justiça Social–Cotidiano Capitalista

*Éderson de Oliveira Cabral**

Éderson de Oliveira Cabral (Éder Cabral) é Doutor em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade FEEVALE, com período sanduíche no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas Modernas Universidade de Bolonha – UNIBO.

 <https://orcid.org/0000-0002-3393-8340>

Recebido em: 16 set. 2024. **Aprovado** em: 30 set. 2024.

Como citar esta produção artística:

CABRAL, Éderson de Oliveira. Seleção Por Tema: Trabalho–Cidadania–Direitos Humanos–Justiça Social–Cotidiano Capitalista. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 1, e3516, dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14580049>

1. O brasileiro comum*

O brasileiro comum
vive diária tensão:
componente mais vil
de qualquer produção.

Elemento mais barato
do que a terra,
o gado,
as máquinas
os insumos.

Tenta-se gastá-lo,
desgastá-lo,
exauri-lo,
invisibilizá-lo,
inviabilizá-lo.

Todo elogio é placebo.
Todo o direito, subtraído.

Há um excedente humano

*  edercabral@feevale.br

fabricado para trabalhar.

Mas, na ordem do dia,
na diretriz de todos os dias,
milhões de subocupados,
desempregados,
desalentados,
sem salário,
tantas pessoas transbordam
os postos já precários
de labor.

Lógica dominante tão velha:
a força do trabalho,
no seu ideal,
é infinita;
pensam eles!

Quanto mais tal potência exista,
mais pleno e correto
funciona o engenho Brasil;
pensam eles!

O que é velho e retrógrado
se conta como novidade
no país que faz girar em falso
o parafuso do progresso.

Azenha montada,
para desgastar os corpos,
com uma eficácia invejável;
Brasil; moinho de gastar gentes.

Aquele trabalhador de sol a sol,
edificando,
construindo,
cultivando
tudo o que se planta
para exportar,
fabricando
todos os tipos de produtos
em indústrias,
multinacionais,
fábricas,
fábricas;
usinas;

oficinas;
confeções;
no trabalho
formal ou informal,
ou no seu empreendedorismo
de subsistência,
vive nervoso,
sempre correndo.

Uns comprando
produtos importados
de baixa qualidade,
para vender para outros
trabalhadores de sol a sol,
nas ruas,
debaixo das marquises
dos prédios
centrais das urbes,
tendo “lucro” irrisório.

Todo ambiente é mercado
em movimento ou parado,
nos trens, nos coletivos...

No uber,
tem brigadeiro,
tem balinha,
tem carregador,
tem cabos,
tem o rosto cansado
e a espera
do amanhã melhor.

Sempre com sorriso,
com rugas;
sinais de expressão
do empenho
da moderna e velha ocupação.

Esse é o cidadão comum;
no laboratório nobre
de atrocidades,
não é só preto,
não é só mestiço,
não é só branco pobre
que é não a mesma coisa.

E o deus brasileiro ex machina,
em dezembro;
quando, por milagre,
poucos têm décimo-terceiro,
canta empolgado;
Em fevereiro, tem carnaval.

2. **A padaria brasileira ***

A padaria não tinha troco,
nem sacolas,
nem sonhos,
nem provas,
nem vacinas.

Tinha balas,
armas,
joias sauditas,
gados,
esconderijos,
tratores,
fantasmas,
libras,
bíblías,
ossos,
madeiras,
sangue,
orçamento secreto,
sigilo,
água tônica.

O proprietário,
com uma van,
como uma besta,
em um avião com farinha,
com imóveis,
com dinheiro vivo.

Era bruta, a padaria,
cercada por mourões olivas,
atendiam de verde-amarelo,
não empregavam,
ofendiam,
tinha tudo isso,
só não tinha pão.

3. 5h27min

Quem eu sou?
Ulisses disse;
Sou ninguém.
Eu também!

Neste trem ciclope,
neste vagão míope,
sou mais um,
entre os mais de cem.

Nesta viagem,
carrego meu capital,
apenas,
para trabalhar – ainda bem.

Chamo de capital,
pois é o que cultivo.
Se tivesse dinheiro,
chamaria isso de dinheiro.

No entanto,
alguém sem trabalho,
ergue a voz, diz; Bom dia,
não quer atrapalhar a viagem...

Não tem trabalho e nem capital,
nem dinheiro, oferece produtos,
se equilibra,
se esquiva.

Alguém,
não tão desafortunado, compra,
outro dorme ao seu lado,
se reconfortando num sono sem cama.

Esse outro ninguém, que é meu irmão,
sorri, agradece a paciência dos viajantes,
some por entre as gentes.
A viagem continua.

Eu, no meu lugar, sorrio,
encontro ao meu lado o corpo magro

de uma senhora, que mal consegue sorrir,
para dispensar os vendedores.

Vejo na tela de seu smartphone
uma mensagem; Dona Vilma,
chegarei atrasada,
mas tô a caminho!

Na minha frente, um homem de macacão,
já com cara de cansado,
às 5h30 da manhã,
imagina a sua rotina e a sua volta sã.

Eu não sou
ninguém,
porém não estou
sozinho.

4. Apesar do peso sobre os pés

Apesar do peso sobre os pés,
de momento a momento,
cria-se uma resistência,
sempre se pode carregar um[a] grama a mais
na superfície da terra [im]permeável.

No rio da vida,
cada um com a sua própria canoa,
rumo à terceira margem -
personalizada por algoritmos;
ilusão ou loucura concreta
dentro da correnteza fluida.

Por sorte e só por sorte,
de momento a momento,
remando para onde todos sabem,
pode-se, talvez, fazer memórias
nas telas flexíveis e dobráveis,
sem pensar, de [e na] verdade,
no singrar da eminente morte.

5. Foi

É injetado açúcar em cada uva,
uma por uma,
toda manhã,

todo santo dia.

Nos supermercados de vida,
maquiam as maçãs;
parecem ter bochechas rosadas,
lábios com *gloss*,
sorriso de aeromoça.

Perfumes recebem feromônios,
telas com cores mais vibrantes,
as capas dos smartphones são peles aveludadas

A vontade de consumir,
mais forte do que viver.

Do nada, a vida fica vazia.

Não se compra mais nada,
sol bate na pele e irradia;
sensação gratuita de ser feliz sem ter motivo.

Na beira do mar,
o ar entra fresco no nariz,
salinidade comicha o corpo,
água do mar também sacia sede.

Idade bate a porta,
sem botox e colágeno artificial.

Minutos são companheiros imperceptíveis,
horas furam as ondas,
dias rolam na areia,
meses cirandam,
anos não têm direito a replay:
presente é instante-já.

6. Não queira dizer que o mundo é novo

(ao som de Learning to Fly - Pink Floyd)

Não queira dizer que o mundo é novo,
nem me venha com palavras mortas
tampouco com imagens em uma tela.

O mundo é velho e se refaz,
a fera branca não o conhece,

por isso, tudo é descoberta.

Os povos vermelhos, habitantes velhos,
de muda em muda, oxigenam o planeta,
acolhem animais vivos e espirituais.

Se o monstro pálido inventou seu passado,
os seres cor de terra sempre souberam;
o futuro é ancestral.

Nas cidades verdes com trilhas telúricas
perpetua o pensamento selvagem,
sem domesticação da vida.

Se a terra se espreme, resistindo ao cinza das urbes,
com as ruas de piche e os prédios de vidro,
escutamos o solo vivo.

Não queira me dizimar com sua força tóxica,
pois, sempre brotará um guarani da *tekoha*;
E dos rios emergirá um matis.

Ainda diz que a cura é farmacêutica,
apresenta uma ciência cínica,
assassina, atrasada, afobada.

A vida sempre esteve na selva
na flor, na folha, no fruto,
na erva, na relva, na árvore.

O nosso juízo indomado
não se define diante do indiferente,
nem do brutalismo alvo.

Não adianta vir com sua narrativa única
de futuros apocalípticos e distópicos,
sempre nascerá um andino.

Xenoguerreiro, sacrificador de vidas!
Senhor-patriarca, devorador de mundo!
Cego, surdo, manco, faminto...

Não queira dizer que o mundo é novo,
nem me venha com discursos tecnicistas,
blindando a vida com cascas artificiais.

Não há reflorestamento sem mundo;
nem reservas paradisíacas;
nem demarcação justa.

Não adianta fugir do orbe azul,
vestido de astronauta cor de prata;
ainda há flechas vivas em nossas aljavas.

7. Baiar

Para minha pequena não chorar;
era hora de sair de casa,
disse algo simples;
Vou trabalhar, filha!
Me sorriu com os olhos,
me respondeu de imediato;
Vô baia co minha papai!
O momento congelou,
o guardei num potinho de tempo.
Logo percebi algo estranho,
impregnado de realidade cinza:
não sei o que inculcou na pimentinha,
se trabalhar é bom ou é ruim.
Que ela odeie o trabalho...
E seja rebelde por eu ter ido baiar.

8. Roto orbital

Embriaga-se para relaxar,
encosta-se para dormir,
embura-se por acordar,
embrulha a comida,
encontra o cartão do trem,
entra no vagão sonolento,
equaciona o que receberá,
elabora o que deve fazer,
economiza para mal viver,
entrosa-se para pitar,
engana o estômago,
emagrece por trabalhar,
envelhece sem notar,
enfrenta o que deve enfrentar.

9. Rotina-se



Segunda-se de mal humor;
terça-se aceitando o que vem;
quarta-se e já está cansado;
quinta-se e já está moído;
sexta-se para um pouco viver;
sabada-se de ressaca;
dominga-se com os seus;
mas já é hora de orar,
pedir bênçãos para seguir.
Agradece o trabalho ruim,
para e pensa
no caos da linha tênue
entre o final de domingo
e início da vida cruel...